

V SIANCO



## SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE COGNITIVA 15 a 19 de setembro de 2025

**Temática: O campo multirreferencial da Análise Cognitiva: Tendências e desafios na atuação profissional**

Organização Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento



### Cartas entre gerações mulheres: a insurgência da *Cartavivência* como modelagem

**EIXO TEMÁTICO:** Cultura e Interseccionalidade

Deysiene (Deyse) Cruz Silva<sup>1</sup>  
Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira<sup>2</sup>  
Dante Augusto Galeffi<sup>3</sup>

### REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

O presente estudo integra uma pesquisa de tese em andamento no Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), na Linha de Pesquisa 03 — Cultura e Conhecimento: Transversalidade, Interseccionalidade e (In)formação. A investigação propõe analisar a solidão da mulher velha negra, a partir da categoria de professoras aposentadas, especificamente residentes em uma cidade do Recôncavo da Bahia e como trocas de cartas com pessoas de diversas gerações podem cooperar para esta situação de solidão.

Para o desenvolvimento da pesquisa, além de toda a discussão teórica e epistêmica acerca das discussões sobre velhices, gênero, geração, negritude, território e solidão, emergiu, a partir da própria pesquisa como uma ideia “própria e apropriada”<sup>4</sup> de Dante Galeffi e como uma inflexão

<sup>1</sup> Foi bolsista FAPESB. Pedagoga e Assistente Social de formação. Doutoranda em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (PPGDC/UFBA), membro do Grupo de Pesquisa Encruzilhadas Feminina. E-mail: [csdeyse@gmail.com](mailto:csdeyse@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora Associado IV da Universidade Federal da Bahia, atual Coordenadora Geral do Programa de Pós-Graduação Multiinstitucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC /UFBA, UNEB, IFBA, UEFS, LNCC, SENAI-CIMATEC, UEMG) Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: [uraniamaia@gmail.com](mailto:uraniamaia@gmail.com).

<sup>3</sup> Professor titular da Universidade Federal da Bahia (Faculdade de Educação/UFBA), Doutor em Educação, líder do grupo de pesquisa “Epistemologia do Educar e Práticas Pedagógicas”. E-mail: [dgaleffi@uol.com.br](mailto:dgaleffi@uol.com.br).

<sup>4</sup> Parte da filosofia no acontecimento, rompendo com a imagem tradicional. Trata-se de uma filosofia que emerge da experiência, da singularidade e da vivência concreta. De uma prática que pode ser realizada por qualquer sujeito que pensa e age no mundo, mesmo que permaneça no anonimato. Nesse sentido, Oliveira e Marques (2020)

de(s)colonial e de desobediência epistêmica de Sidnei Macedo (2025). Assim, a insurgência deste estudo, se dá desde a cartografia (Kastrup, 2009) aqui estabelecida, à abordagem qualitativa (Galeffi, 2009) e do processo, não final mas de achado que este estudo propõe, tendo uma modelagem (Melo, 2022) insurgente que emerge das cartas, das vozes das mulheres negras velhas, da escuta, da escrita autoral e da proposta epistemopolítica que este estudo se implica.

Cabe posicionar que, este estudo é de abordagem qualitativa defendida por Dante Galeffi (2009) na obra “Um Rigor Outro”, elaborada em parceria com Sidnei Macedo e Álamo Pimentel (2009), ele defende que o rigor nas pesquisas qualitativas está para além de métodos e/ou modelos epistemológicos “e nada tem a ver com uma exteriorização metodológica de passos e regras de como conduzir uma investigação científica consistente” (Galeffi, 2009, p. 44). O mesmo autor estimula a refletir ainda sobre um falso rigor acadêmico que, sem reflexão crítica, aceita as regras da produção científica imposta por políticas tecnocráticas. Esse modelo desvaloriza a diversidade humana e reduz o rigor a um padrão técnico e excludente. No entanto, o verdadeiro rigor é atitude, é arte, é ética na criação. Motivo o qual “ser crítico antes de tudo significa aprender o justo e a justeza das coisas por conta própria, e não por simples imitação ou por mera bricolagem primária de fontes externas”(Galeffi, 2009, p. 41).

Nesse mesmo caminho, tem-se a escolha do método que dialoga intrinsecamente com a abordagem qualitativa proposta por Galeffi (2009) que é a cartografia de Kastrup (2009).

A Cartografia é um método processual e inventivo, transformando as formas de ver, experimentar, teorizar e participar do mundo. A cartografia, segundo Virgínia Kastrup (2009), é um método de pesquisa que se caracteriza pela processualidade, ou seja, não busca representar uma realidade estática, mas sim acompanhar os movimentos e transformações que emergem no campo investigativo. Está implicado nesse processo, afetado pelas forças que circulam e transformado junto com o objeto de estudo. Em vez de aplicar categorias fixas, a cartografia se volta para a produção de subjetividade, observando como os sujeitos se constituem nas relações.

A atenção cartográfica é flutuante, sensível e intuitiva, permitindo captar os fluxos e intensidades que atravessam o campo. Por fim, trata-se de um método inventivo, que exige a criação de ferramentas próprias para cada pesquisa, recusando protocolos rígidos ser um método inventivo, exige a criação de ferramentas próprias para cada pesquisa, recusando protocolos rígidos e abrindo espaço para a experimentação. Assim, a cartografia se alinha ao

---

inspiradas em Dante Galeffi aponta a filosofia própria e apropriada, não institucionalizada, mas profundamente situada no cotidiano, no acontecimento, na relação com o outro, com o mundo e com o tempo presente.

rigor ético e criativo defendido pela abordagem qualitativa de Galeffi (2009), constituindo uma prática investigativa comprometida com a singularidade dos processos e com a crítica às normatizações excludentes da ciência e abrindo espaço para a experimentação e a invenção.

Como dispositivo de pesquisa tem-se a carta, que para Michel Foucault (1979) um dispositivo não é apenas um objeto ou ferramenta, mas uma rede de elementos que se articulam para produzir efeitos de poder, conhecimento ou subjetividade. Sendo então, esse um conjunto heterogêneo de elementos que se articulam para produzir efeitos sobre comportamentos, relações sociais e subjetividades. Dentro deste estudo, o dispositivo metodológico carta funciona como estratégias de produção de conhecimento e de regulação das relações entre pesquisador e sujeito. Nesse sentido, as cartas podem ser entendidas como um dispositivo de pesquisa, na medida em que não apenas registram informações, mas possibilitam que os participantes expressem suas experiências, memórias e afetos de forma reflexiva e autônoma e isso é possível a partir da escolha do método e da abordagem acima evidenciada.

Nesse sentido, este estudo tem sua singularidade, sobretudo, por ser um estudo inédito, tratar de um estudo em um território específico que é o Recôncavo da Bahia, por se tratar de mulheres negras velhas/idosas que exerceram a professoralização em sua vida ativa e ocupacional e atualmente encontram-se aposentadas e em casa, sem atividades sociais que as instiguem outros fazeres. Por este motivo e pela importância do espaço acadêmico e científico do SIANCO 2025, em sua Temática: O campo multirreferencial da Análise Cognitiva: Tendências e Desafios na atuação profissional, que este estudo surge no bojo desta edição do V SIANCO e no eixo Cultura e Interseccionalidade.

## **PISTAS INICIAIS DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Para fundamentar e apresentar, brevemente, as categorias que respaldam a insurgência da modelagem em construção neste estudo de tese em andamento, faz-se necessário conceituar as categorias deste estudo.

A primeira delas é a categoria de gênero, que segundo Guacira Louro<sup>5</sup> (1997) deve ser compreendida não como uma essência natural ou biológica, mas como uma construção social

---

<sup>5</sup> Toda a escrita de autores terá nome e sobrenome, enfrentando o modo eurocêntrico o qual citando apenas sobrenome, conforme as normas acadêmicas estabelecidas como: ABNT, APA, Harvard, etc, não se identifica se é homem ou mulher e portanto este estudo que pauta a discussão de gênero toma esta posicionalidade, conforme sugere Nodari (2021).

e histórica, marcada por relações de poder e por disputas simbólicas que produzem diferenças e hierarquias entre sujeitos. Ao desconstruir a ideia de que ser mulher ou homem decorre de uma essência natural ou biológica, a autora evidencia que as identidades de gênero são produzidas no interior de normas, discursos e práticas sociais. Nessa perspectiva, o gênero não pode ser pensado de maneira isolada, mas em articulação com outras categorias, como raça, classe, geração e sexualidade.

Esse entendimento que pauta a importância da discussão aqui neste estudo é fundamental para discutir a solidão das mulheres negras idosas ou velha, uma vez que a experiência de ser “mulher” não se apresenta de forma homogênea. As mulheres negras, especialmente as mais velhas, são interpeladas por múltiplos marcadores sociais que produzem desigualdades: o sexismo, o racismo, o etarismo e a feminização da velhice. Assim, a solidão não é apenas individual ou afetiva, mas resultado de processos históricos de exclusão e hierarquização de corpos, que tornam determinadas mulheres mais vulneráveis ao isolamento social.

Assim, a segunda categoria aqui pautada é a de geração, que Alda Motta (2010) afirma que o conceito geração permanece polêmico e pouco explorado nos estudos. A autora destaca também que gênero e geração são categorias analíticas mutuamente articuladas, fundamentais para entender as relações sociais e os processos de envelhecimento diferenciado. Geração envolve posicionamentos históricos, sociais e culturais de determinados grupos em função do tempo em que nasceram, das experiências coletivas que compartilharam e das condições desiguais de acesso a direitos.

Assim, a questão racial é uma realidade que precisa ser evidenciada ao pensar a questão do envelhecimento com atenção, prioridade e observação singular, afirma a autora e o autor Alexandre Silva (2017) reitera, pois, o envelhecimento da população negra tem a heterogeneidade ainda mais estabelecida. Mas antes de estabelecer a discussão racial, Alda Motta ainda pauta que pensar geração é necessário compreender que a solidariedade faz parte ao compreendermos que a intergeracionalidade é uma das relações inerentes da subsistência humana, pois, todos os contextos de sujeitos humanos, como na sociedade, há uma relação entre diversas gerações, até mesmo na escola que é hierarquicamente e estrategicamente pensada por sistema de idades, há a intergeração quando estudantes da turma do 4º ano, entre 9 e 10 anos, tem também a professora de outra geração. Portanto, a intergeração é uma dimensão da vida

social contraditoriamente tecida com afetividade e relações de poder, entrelaçada com os sistemas de gênero e classe social. (Motta, 2010).

Assim, já compreende que outra categoria neste estudo é a racial. Assim, ser “jovem”, “adulta” ou “idosa” não é apenas uma marca etária, mas uma inscrição social atravessada por raça, gênero, classe e contexto histórico. Nesse contexto, afirmar que este estudo, assim como o processo de doutoramento e tese tem sido um desafio escolher o termo idosa ou velha, pois, epistemicamente e cientificamente a partir de René Lenoir (1974) a noção de *pessoa idosa* é consolidada em políticas públicas e legislações como categoria normativa fundada em critérios etários, o termo *velho/velha* pode ser compreendido como uma construção sociocultural, carregada de sentidos ambíguos, ora estigmatizantes, ora reivindicados em uma perspectiva epistemopolítica. Assim, enquanto a primeira designação tende a uniformizar sujeitos a partir da idade cronológica, a segunda permite problematizar experiências de envelhecimento atravessadas por raça, gênero, classe e geração, reconhecendo a pluralidade e a potência de ser velho/a.

Sendo assim, neste estudo será assumido as duas categorias, pessoa idosa/velhas, pois, as mulheres idosas sujeitos<sup>6</sup> deste estudo se autodeclaram mulheres idosas negras, assim, por questões éticas as quais a própria cartografia nos posiciona em estudos cartográficos, será utilizada mulheres idosas em respeito a autodeclaração das mulheres e velhas em virtude a escolha epistêmica do termo da primeira autora e pesquisadora desta pesquisa em andamento.

Com estudos que envolvem o envelhecimento humano, neste caso aqui com especificidade a velhice ou as velhices da mulher negra idosa/velha exigem compreensões também que se destaca no processo de compartilhamento de saberes, pois conforme acima já mencionado, falar de velhices é também falar de intergeracionalidade, pois, são relações que não são neutras e que carregam as hierarquias e disputas, dos estudos sobre idades, mas também possibilidades de trocas e solidariedades. Nesse sentido, a geração velhice também pode ser

---

<sup>6</sup> “No original inglês, o termo *subject* não tem gênero, no entanto, a sua tradução corrente em português é reduzida ao gênero masculino – o sujeito –, sem permitir variações no gênero feminino – a sujeita – ou nos vários gêneros LGBTI+ – xs sujeitxs –, que seriam identificadas como erros ortográficos. É importante compreender o que significa uma identidade não existir na sua própria língua, escrita ou falada, ou ser identificada como um erro. Isto revela a problemática das relações de poder e violência na língua portuguesa, e a urgência de se encontrarem novas terminologias. Por esta razão, opto por escrever este termo em itálico: *sujeito*.” (KILOMBA, 2019, p. 15) É importante informar que na escrita dessa tese alguns conceitos serão escritos em itálico como forma de reconhecer que a língua portuguesa apesar de poética é também bastante violenta ao criar dimensões que legitimem o machismo e patriarcado como perpetuação das relações de poder, com isso posicionando o que Kilomba (2019) sugere na escrita quando necessariamente precisa escrever algumas palavras como a palavra sujeito.

pensada como categoria de análise e também de prática política, fundamental para compreender desigualdades no envelhecimento, especialmente entre mulheres negras.

Ao discutir as categorias sociais que são marginalizadas, aqui as mulheres negras idosas/velhas, René Lenoir (1974) identifica os idosos como um dos grupos sociais marginalizados, frequentemente excluídos das dinâmicas centrais da sociedade. Essa exclusão é reforçada por representações de improdutividade e dependência, posicionando-os como "excluídos" sociais. Nesse cenário, a intergeracionalidade emerge como uma estratégia para romper barreiras entre gerações.

Dirceu Nogueira Magalhães (2000) define intergeracionalidade como a prática que busca aproximar gerações, quebrando barreiras geracionais, eliminando preconceitos e vencendo discriminações. Para as mulheres negras idosas, essa abordagem é particularmente relevante. Elas enfrentam simultaneamente o sexismo, o racismo e o etarismo, sendo frequentemente invisibilizadas em suas comunidades. Práticas intergeracionais podem proporcionar espaços de troca de saberes e afetos, fortalecendo vínculos e combatendo a solidão imposta por estruturas sociais excludentes. Assim, a intergeracionalidade não apenas promove o diálogo entre gerações, mas também atua como ferramenta de resistência e afirmação da identidade das mulheres negras idosas/velhas.

E pensando no contexto de marginalidade dos corpos de mulheres negras velhas/idosas, cabe apontar a solidão como uma realidade contemporânea. René Lenoir (1974) introduz ao conceito de "exclusão social" as pessoas idosas como marginalizadas das dinâmicas centrais da sociedade. Essa exclusão é reforçada por representações de improdutividade e dependência, posicionando-os como "excluídos" sociais.

No contexto brasileiro, Ana Pacheco (2023) destaca que a solidão das mulheres negras é resultado de um processo histórico de marginalização, onde elas são frequentemente associadas a estereótipos negativos e afastadas do convívio social. A solidão da mulher negra idosa é um fenômeno multifacetado, que vai além do simples isolamento físico e se configura como um processo social e afetivo atravessado por desigualdades históricas.

Yohana Monteiro (2023) destaca que essa solidão é resultado de múltiplos fatores interseccionais, incluindo racismo, sexismo e gerontofobia, que afetam diretamente a participação dessas mulheres em redes sociais e comunitárias. Segundo a autora, a marginalização social, somada à escassez de suporte afetivo e à invisibilização das necessidades emocionais, intensifica a experiência de solidão, tornando-a uma dimensão significativa da

vivência da velhice negra. Dessa forma, a solidão não deve ser compreendida apenas como ausência de companhia, mas como uma expressão das estruturas de exclusão e desigualdade que atravessam a vida dessas mulheres, refletindo processos históricos e culturais que perpetuam sua vulnerabilidade social.

A matéria da Jacobin Brasil sobre envelhecimento no neoliberalismo aponta que, sob o regime neoliberal, políticas públicas voltadas para o envelhecimento são escassas, e os idosos são frequentemente vistos como um peso econômico. Essa perspectiva reforça a exclusão social das pessoas idosas, especialmente das mulheres negras, que enfrentam múltiplas formas de discriminação. A aposentadoria, embora um direito assegurado, torna-se um fator que potencializa a solidão dessas mulheres, muitas vezes devido à escassez de políticas públicas inclusivas e ao estigma associado à velhice. No contexto neoliberal, onde as políticas sociais são frequentemente reduzidas, a aposentadoria não é apenas uma questão de segurança financeira, mas também de reconhecimento social e acesso a serviços essenciais. A falta de suporte institucional e comunitário agrava a situação, tornando a aposentadoria um direito que, na prática, não garante a dignidade e a qualidade de vida para muitas mulheres negras idosas.

Neste sentido, Alexandre Silva (2017), pesquisador do Instituto de Saúde (ISAúde) e Secretário Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa no Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), apresenta que o envelhecimento da população negra no Brasil ocorre em um cenário de desigualdades estruturais que afetam diretamente as mulheres negras idosas. Embora as pessoas negras representem 56% da população brasileira, apenas 48% da população idosa é negra, indicando uma redução significativa que aponta para desigualdades no processo de envelhecimento .

Neste sentido, estudo que pauta esta discussão são inéditos e aqui, em específico, compreender práticas intergeracionais (Silva e Hora, 2019) como uma estratégias de enfrentamento, promovendo o diálogo e a troca de saberes entre diferentes gerações, fortalecendo vínculos e combatendo a solidão imposta por estruturas sociais excludentes é urgente.

Para aprofundar a discussão epistemológica sobre a intergeracionalidade entre mulheres idosas, é pertinente considerar o conceito de negritude proposto por Kabengele Munanga (2002). Munanga (2022) define a negritude como uma afirmação da identidade negra, caracterizada pela valorização das culturas africanas e pela resistência ao racismo estrutural que historicamente marginalizou os povos negros. Essa perspectiva propõe uma reconexão com as

raízes culturais e uma afirmação coletiva da identidade negra, contrapondo-se às narrativas coloniais que buscavam desumanizar e subordinar os negros. Ao aplicar esse conceito ao contexto das mulheres negras idosas, observa-se que elas não apenas enfrentam a solidão imposta pela exclusão social, mas também desempenham um papel crucial na preservação e transmissão das tradições culturais afro-brasileiras. Sua vivência intergeracional torna-se um espaço de resistência e afirmação da negritude, onde a solidão é resignificada como um ato de resistência cultural e política.

### **APROFUNDAMENTO TEÓRICO, EPISTÊMICO E CARTOGRÁFICO: uma vivência cartográfica de pesquisa**

A cartografia definida por Kastrup (2006) não apenas orienta o percurso metodológico, mas também permite a emergência de práticas insurgentes, como a intergeracionalidade pautada na negritude de mulheres idosas/velhas aposentadas das suas professoralizações.

Com isso, importante situar que os sujeitos desta pesquisa, em andamento, aqui um recorte dela, são mulheres negras, que nas suas velhices de idades<sup>7</sup> diversas, residem em municípios do Recôncavo Baiano e são aposentadas das suas ocupações de professoras do ensino básico, em sua totalidade.

O fato de não serem apenas professoras aposentadas e sim mulheres negras que se encontram na velhice, no recôncavo baiano e são também professoras aposentadas é que este estudo assume o lugar de serem aposentadas das suas formas de professoralidades, que segundo Doris Bolzan e Silvia Isaia (2006) afirmam que a professoralidade é entendida como "o processo de construção do sujeito professor/a ao longo de sua trajetória pessoal e profissional". Essa construção envolve a interação entre as experiências pessoais, as práticas pedagógicas e as influências institucionais, formando uma identidade docente dinâmica e multifacetada.

Assim, a noção de professoralidade refere-se à construção contínua da identidade docente, marcada pela articulação entre experiências pessoais, práticas pedagógicas e contextos institucionais. Ao transpor esse conceito para o contexto da solidão da mulher negra idosa, podemos compreender que a intergeracionalidade funciona como um espaço de produção e transmissão de saberes, onde a experiência e a memória das mulheres idosas se tornam componentes centrais do processo educativo e afetivo. Nesse sentido, as mulheres negras idosas não apenas vivenciam a solidão como um fenômeno social e afetivo, mas também

---

<sup>7</sup> cronologicamente: 60; 61; 63; 64; 67;68; 69; 70; 72; 73; 76; 77; 78; 79; 78,; 82 e 83 anos de idade.

desempenham um papel docente no sentido mais amplo: ensinam, orientam e fortalecem vínculos com gerações mais jovens, ressignificando sua própria experiência de isolamento e contribuindo para a construção de redes de apoio, pertencimento e valorização da negritude (Munanga, 2019).

Assim, a professoralidade intergeracional na velhice, surge como uma estratégia de resistência contra a exclusão social, reconhecendo a solidão não apenas como vulnerabilidade, mas como um ponto de partida para a produção de saberes, afetos e práticas de cuidado comunitário e para essa estratégia se evidenciar no cotidiano destas mulheres, são realizadas trocas.

No contexto da solidão da mulher negra idosa, as cartas podem servir como uma ferramenta para resgatar e valorizar suas histórias, experiências e saberes. A escrita epistolar oferece um meio para que essas mulheres expressem suas vivências, estabeleçam conexões intergeracionais e resistam ao apagamento de suas histórias. Assim, as cartas funcionam não apenas como um meio de comunicação, mas como um espaço de afirmação de identidade e resistência cultural. de cartas, as quais têm suas funções epistolares.

Meritxell Simon-Martin (2020), em sua pesquisa sobre a educação epistolar, destaca as cartas como instrumentos de desenvolvimento pessoal e construção de identidade, especialmente entre mulheres burguesas na Inglaterra vitoriana. A autora enfatiza que a correspondência pessoal não apenas reflete, mas também constitui práticas educativas informais, promovendo a troca de saberes, afetos e experiências. Esse conceito pode ser ampliado ainda neste estudo, conforme já mencionado na introdução, para compreender as cartas para além de apenas um dispositivo metodológico na pesquisa, mas como uma modelagem ao permitir o acesso a narrativas subjetivas e experiências vividas, frequentemente marginalizadas em abordagens tradicionais.

Ao aplicar essa perspectiva das cartas epistolares à solidão da mulher negra idosa, a escrita epistolar emerge como um espaço de ressignificação da experiência social, afetiva e histórica dessas mulheres. As cartas funcionam como instrumentos que promovem intergeracionalidade, permitindo que saberes, memórias e afetos sejam transmitidos entre gerações, constituindo práticas de professoralidade intergeracional. Dessa forma, a pesquisa com cartas não apenas documenta a experiência da solidão, mas também contribui para fortalecer vínculos sociais, afirmar identidades e valorizar a negritude, articulando subjetividade, memória e resistência cultural.

Com isto, pauta-se aqui o conceito de modelagem de Damião Melo (2022, pag. 61):

“ação processual aplicada a diversas áreas, com muitas finalidades, incluindo, dentre outras, as áreas de engenharia, medicina, biologia, ciências sociais, educação, computação e matemática, etc. É um processo de articulação de conhecimentos e ferramentas que o modelador busca articular de forma iterativa e evolutiva, para representar determinado sistema e assim, resolver um problema, criando uma possibilidade de ação que lhe era negada pelo sistema físico real, que lhe motivou a gerar o modelo representado, seja pela complexidade, seja pela dimensão, seja por restrições éticas ou morais.”

Ainda o Prof. Karam-Filho (2019) afirma que a modelagem pode ser entendida como a “prática de substituir um sistema por outro que o represente” em uma concepção da percepção de algo ou de alguma coisa que venha a ser objeto do modelo, o que neste estudo vai insurgir enquanto modelagem a *Cartavivência* como uma junção da carta enquanto dispositivo de pesquisa e enquanto gênero epistolares.

A partir das reflexões transcritas, ainda em situação de prelo, com o Prof. Dante Galeffi (2025) compreende-se que a modelagem ultrapassa os limites disciplinares e pode ser pensada como chave pedagógica, cognitiva e epistemológica. Ela permite configurar ações, procedimentos e práticas que emergem da experiência concreta, sendo uma ferramenta potente para a criação de metodologias insurgentes e situadas.

A modelagem, no contexto da difusão do conhecimento, é concebida como um conceito latente e aberto, que transcende fronteiras disciplinares e não se restringe à matemática ou à computação. Funciona como uma ferramenta epistemológica e pedagógica, permitindo representar sistemas complexos e gerar possibilidades de ação diante de realidades que não podem ser manipuladas diretamente por razões éticas, morais ou estruturais.

Sob essa perspectiva, a modelagem é uma prática de substituição simbólica, na qual um sistema é representado por outro, oferecendo meios para compreender, intervir e transformar. Essa prática se manifesta em múltiplos campos — da arte à psicologia, da moda à odontologia e envolve a criação de protótipos, padrões e dispositivos, passíveis de replicação ou adaptação.

Na psicologia, por exemplo, a modelagem é utilizada para programar comportamentos por meio de repetições, imitações e estímulos, podendo ocorrer de forma direta (por observação), simbólica (por

imagens ou narrativas) ou disfarçada (por mensagens subliminares). Essa dimensão evidencia como somos socialmente moldados, muitas vezes de maneira imperceptível, por dispositivos de controle e disciplinamento.

Além disso, a modelagem se articula com a difusão do conhecimento, ao permitir a criação de sistemas de apoio, ciclos de feedback e estratégias de acessibilidade. Ela é concebida como uma ciência avançada, que não apenas representa, mas também agencia ações e configurações cognitivas, afetivas e sociais.

Tomando como ponto de partida o conceito de modelagem a *Cartavivência* que é a troca de cartas entre as mulheres negras velhas/idosas aposentadas no Recôncavo pode ser compreendida como uma provocação de modelagem constituindo um movimento próprio que não busca apenas compreender a solidão da mulher negra idosa e professora aposentada, mas criar estratégia de enfrentamento como uma práticas epistemopolítica situada e insurgente.

A *Cartavivência*, que nasce da escuta, da escrita autoral e da troca entre gerações. Essa prática se configura como uma forma de resistência epistêmica, que valoriza os saberes das mulheres negras velhas, suas memórias e afetos, e transforma a solidão em espaço de criação e partilha. A *Cartavivência* é, portanto, uma proposta de modelagem estratégica que se alinha com a compreensão de modelagem deste estudo.

Em contexto empírico desta pesquisa, segue a extração narrativa de cartas que compõem a pesquisa de doutoramento em andamento:

60 "Comecei a escrever cartas para minhas colegas e foi como abrir uma janela para o mundo. Antes, a solidão parecia permanente; agora, cada carta é um instante de vida compartilhada." Redução da sensação de isolamento, criação de vínculo afetivo.

61 "Receber cartas me faz sentir que não estou sozinha. Mesmo em silêncio, sinto que há alguém caminhando comigo, escutando minhas lembranças e minhas alegrias." A solidão é substituída por sensação de companhia constante.

63 "A escrita das cartas transformou meus dias. A solidão que eu sentia na aposentadoria foi substituída por encontros invisíveis, feitos de palavras e memórias." A solidão se torna menos presente, surgem conexões significativas.

64 "Cada carta que recebo me faz rir, pensar e refletir. A sensação de estar só desapareceu, substituída por um vínculo que atravessa o tempo e o espaço." Criação de laços intergeracionais e afetivos.

67 "Quando comecei a trocar cartas, percebi que meus sentimentos não estavam isolados. A solidão perdeu espaço para uma comunidade silenciosa, feita de palavras cuidadosas." Fortalecimento da sensação de pertencimento e reconhecimento.

68 "Escrever cartas me devolveu uma dimensão de vida que eu não sabia que existia. A solidão deixou de ser uma companheira constante e passou a ser uma

lembança distante." Transformação da experiência da solidão em presença simbólica de afeto.

69 "As cartas me conectam com outras mulheres que compartilham histórias parecidas. Sinto que não envelheço sozinha; cada troca é uma reafirmação de pertencimento." Redução da solidão e valorização da experiência compartilhada.

70 "Minha rotina mudou completamente desde que começamos a trocar cartas. A solidão não desapareceu magicamente, mas agora é quase inexistente diante da cumplicidade que se cria." Quase eliminação da sensação de solidão.

72 "A cada carta, sinto que estou recebendo um abraço, mesmo que distante. A sensação de estar sozinha foi substituída por uma presença constante e afetiva." A solidão é ressignificada em forma de presença simbólica.

73 "Nunca imaginei que a escrita pudesse ser tão transformadora. Cada carta é um espaço seguro para compartilhar medos, alegrias e histórias esquecidas." Criação de espaço de acolhimento emocional.

76 "Trocar cartas se tornou meu momento mais esperado. Antes, os dias pareciam longos e vazios; agora, cada envelope é uma ponte de amizade e cuidado." Fortalecimento de vínculos afetivos e sociais.

77 "As cartas me conectam com outras mulheres que sabem exatamente o que significa envelhecer sozinha. Isso dá sentido e aconchego à minha vida." Redução da sensação de isolamento e aumento de pertencimento.

78 (1) "Escrever cartas me faz sentir viva. A solidão deixou de ser uma presença constante; sinto que minhas experiências são valorizadas e ouvidas." Transformação da solidão em sensação de valorização e escuta.

78 (2) "Cada palavra escrita ou recebida é um fio que me liga às outras. A sensação de isolamento foi transformada em proximidade e afeto." Construção de rede de afeto e aproximação simbólica.

79 "A troca de cartas trouxe de volta minha voz. Mesmo distante das amigas e da família, sinto que pertenço a uma rede de cuidado e memória." Redução da solidão e reforço do pertencimento social.

82 "Nunca pensei que a aposentadoria pudesse ser tão rica em conexões. As cartas transformaram a solidão em algo quase inexistente, substituído por diálogos e lembranças partilhadas." Quase eliminação da solidão e valorização das relações.

83 "Agora sei que nunca estou realmente sozinha. Cada carta é um testemunho de presença e afeto, e isso tornou a solidão uma lembrança distante." Solidão substituída por presença afetiva contínua.

Silvia Tedesco (2015), a decisão de anonimizar as participantes e organizar as narrativas por faixa etária, sem identificação nominal, reflete uma abordagem ética alinhada à perspectiva cartográfica da pesquisa. Tedesco propõe que a ética na pesquisa deve ser entendida como um processo dinâmico e situado, que respeita a singularidade dos sujeitos e as especificidades dos contextos, em vez de seguir prescrições rígidas e generalizantes. Nesse sentido, a pesquisa deve ser conduzida "com" os participantes, e não "sobre" eles, reconhecendo-os como coautores do processo investigativo.

Ao adotar essa perspectiva, a pesquisa busca não apenas proteger a identidade das participantes, mas também valorizar suas vozes e experiências, permitindo que elas se expressem de maneira autônoma e respeitosa. Essa abordagem ética, portanto, vai além das normativas formais, incorporando práticas que consideram as dimensões culturais, sociais e históricas dos sujeitos envolvidos.

A *Cartavivência*, ao fundir “carta” e “vivência” em um único termo, configura-se como uma modelagem estratégica de enfrentamento da solidão, articulando a escrita intergeracional com a experiência encarnada das mulheres negras idosas. A escolha do termo em itálico não é apenas estilística, mas epistemológica, indicando uma criação conceitual própria, insurgente e situada, que se desloca das normativas da escrita acadêmica tradicional. Essa prática se alinha aos estudos do cotidiano e às perspectivas rizomáticas de produção de conhecimento, como propõem Deleuze e Guattari (1995), ao buscar escapar das formas arborescentes e hierarquizadas da produção acadêmica, construindo conexões múltiplas, heterogêneas e atravessadas por relações de poder.

Ao unir “carta” e “vivência”, a *Cartavivência* cria um dispositivo metodológico que permite não apenas registrar experiências, mas transformá-las em ações e relações que atravessam o tempo, o espaço e as gerações. As cartas, enquanto gênero epistolar, constituem ferramentas de escuta ativa, memória compartilhada e expressão afetiva, oferecendo um canal de comunicação seguro e ético. Esse gesto metodológico transforma a solidão da velhice em presença social, permitindo que as mulheres idosas, muitas vezes marginalizadas pelo racismo, sexismo e pelo abandono social, se reconheçam como coautoras do conhecimento produzido. Cada carta funciona como um ponto de interseção entre o pessoal e o coletivo, o afetivo e o cognitivo, o vivido e o pensado.

Inspirada na perspectiva cartográfica de Silvia Tedesco (2015), a *Cartavivência* incorpora uma ética situada que vai além do cumprimento de normativas universais e invariantes. A pesquisa não se realiza “sobre” os sujeitos, mas “com” eles, reconhecendo-os como participantes ativos, cujas experiências e memórias são fundamentais para a construção do saber. A ética, nesse contexto, é processual e sensível às transformações subjetivas que ocorrem ao longo da pesquisa, reconhecendo que cada narrativa carrega múltiplas camadas de significado, intimidade e historicidade. A troca de cartas, portanto, não é apenas um método de coleta de dados, mas um gesto ético e político de cuidado, de criação de vínculo e de reconhecimento da agência das mulheres envolvidas.

A *Cartavivência* se aproxima ainda da *escrevivência* de Conceição Evaristo (Duarte & Nunes, 2020), na medida em que a escrita emerge do corpo, da vida e da memória. Assim como a *escrevivência*, a *Cartavivência* rompe com a linearidade e a objetificação do conhecimento, transformando a escrita em prática de resistência e invenção.

Portanto, compreende-se a *Cartavivência* a uma modelagem insurgente por este conceito articular memória, afetos e ancestralidade, promovendo uma ciência situada, inclusiva e comprometida com a justiça social, racial e de gênero destas mulheres que se encontram nas suas aposentadorias das suas realidades de professoralidades de uma vida inteira. A prática da escrita de cartas permite que a experiência vivida das mulheres idosas seja valorizada como fonte legítima de saber, construindo sentidos que atravessam o tempo e desafiam epistemologias hegemônicas.

O caráter intergeracional da *Cartavivência* reforça seu potencial transformador. A troca de cartas entre mulheres negras de diferentes gerações cria um fluxo de aprendizagens mútuas, onde saberes acumulados e vivências presentes dialogam, fortalecendo vínculos afetivos e rompendo o isolamento social. A modelagem aqui não é apenas representativa, mas performativa: ela atua sobre o cotidiano, ressignificando a solidão e ampliando possibilidades de existência. Nesse movimento, cada carta é simultaneamente prática de escuta, escrita e memória encarnada, funcionando como dispositivo de cuidado, resistência e invenção.

Além disso, a *Cartavivência* reconhece a importância de contextos históricos, culturais e territoriais, alinhando-se à noção de Cartografia Social defendida por Dante Galeffi (2006, 2009) e ao caráter insurgente da pesquisa encarnada de Suely Messeder (2020). Trata-se de uma modelagem epistemopolítica, capaz de intercalar teoria e prática, memória e escrita, ciência e vida, ampliando a compreensão das experiências de solidão da mulher negra idosa e criando um espaço de produção de conhecimento coletivo, situado e situado.

Nesse sentido, a *Cartavivência* se constitui como um instrumento de resistência epistêmica e social, capaz de transformar o que é historicamente marginalizado em saber valorizado. A articulação entre cartas, gêneros epistolares e a ética cartográfica permite que as mulheres negras idosas sejam reconhecidas como agentes de conhecimento, coautoras de uma ciência insurgente, que não apenas registra o mundo, mas atua para transformá-lo. A modelagem insurgente proposta pela *Cartavivência*, portanto, é tanto uma estratégia de enfrentamento da solidão quanto um gesto ético, político e epistemológico, que reconhece a

potência de vidas outrora silenciadas, transformando a pesquisa em um espaço de invenção e emancipação.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS**

A proposta da *Cartavivência* como modelagem insurgente reafirma a potência de uma pesquisa que se constrói com mulheres negras envelhecidas e velhas, e não sobre elas. Ao articular escrevivência, cartografia enquanto método, pesquisa encarnada, ética situada e gêneros epistolares, este estudo tensiona os limites da produção científica tradicional, propondo uma epistemologia que emerge da vida, da escuta e da memória. A *Cartavivência* é, assim, um espaço de invenção, deslocamento e resistência, capaz de transformar experiências individuais em conhecimento coletivo e situado.

A escrita encarnada, autoral e intergeracional, realizada por meio das cartas entre mulheres negras de diferentes gerações, cria vínculos afetivos e epistemológicos que tornam a solidão da velhice menos presente. O gesto de escrever e trocar cartas funciona como dispositivo de pesquisa, permitindo que as narrativas se convertam em potência, escuta e memória compartilhada. A prática dos gêneros epistolares fortalece a co-construção do saber e desafia o epistemicídio, afirmando a centralidade dos saberes produzidos nos territórios da existência, da ancestralidade e da subjetividade.

Neste estudo, a dimensão geracional foi fundamental para compreender as especificidades das experiências de velhice das mulheres negras envolvidas. Organizadas em faixas etárias de 5 a 7 anos, as diferentes gerações — de 60 a 64, 65 a 69, 70 a 74, 75 a 79 e 80 anos ou mais — permitem identificar nuances históricas, culturais e afetivas que atravessam trajetórias de vida marcadas por racismo, sexismo e desigualdades estruturais. Para Alda Motta (2011), a geração constitui uma dimensão da vida social que ultrapassa o simples marcador etário, envolvendo experiências históricas, culturais e políticas que distinguem e hierarquizam os sujeitos ao longo do tempo. Nesse sentido, a experiência da solidão não se dá apenas pelo envelhecimento cronológico, mas por processos sociais e históricos que atravessam a vida dessas mulheres. Essa compreensão reforça que a *Cartavivência* funciona como uma modelagem situada e ética, capaz de reconhecer e articular tais diferenças intergeracionais, valorizando saberes, memórias e vivências de cada faixa etária.

A *Cartavivência*, ao reunir mulheres de diferentes gerações, mobiliza memórias, experiências e afetos intergeracionais, abrindo espaço para escuta, cuidado e criação de novas subjetividades. Cada carta escrita é um gesto que transforma a pesquisa em um território de acolhimento,

resistência e invenção, onde o conhecimento é produzido de forma coletiva, situando-se no corpo, na vida e na experiência das participantes. Assim, a modelagem insurgente proposta se renova a cada carta, a cada escuta realizada, permitindo que a ciência se torne não apenas representativa, mas performativa e ética.

A prática da *Cartavivência* não pretende encerrar-se como modelagem fixa ou definitiva, mas se abre como campo de possibilidades — uma prática viva e movente que se reinventa constantemente. Trata-se de um “rigor outro” (Galeffi, 2006) que se compromete com a justiça epistêmica, a dignidade das velhices negras e a insurgência dos saberes encarnados, oferecendo caminhos para a ampliação de políticas de reconhecimento social e produção científica inclusiva.

Por fim, este artigo, como recorte de uma pesquisa de tese em andamento, não pretende concluir, mas provocar. Provocar deslocamentos, rasuras e agenciamentos que permitam pensar outras formas de fazer ciência — uma ciência que escuta, sente e se compromete. Uma ciência que, como a *Cartavivência*, se escreve com o corpo, com a vida e com o encarne, estrategicamente pautando a solidão da mulher negra velha aposentada, enquanto professora, e evidenciando que é possível produzir conhecimento junto às gerações, reconhecendo suas trajetórias, vínculos e memórias. Este processo aponta caminhos para futuras pesquisas e práticas intergeracionais no PPGDC e no Seminário de 2025, ampliando a reflexão sobre velhice, raça, gênero e produção de saberes insurgentes.

## REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

BOLZAN, Doris Pires Vargas; ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. Aprendizagem docente na educação superior: construções e tessituras da professoralidade. *Educação*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 489-501, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/489/358>. Acesso em: 31 ago. 2025.

BURNHAM, Terezinha Fróes. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. In: BARBOSA, Joaquim (Org.). *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 35-55.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – 1: artes do fazer. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). Escrivivência: a escrita de nós. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2020.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALEFFI, Dante. Um rigor outro: ensaios sobre pesquisa qualitativa. Salvador: EDUFBA, 2009.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Cobogó, 2019.

LENOIR, René. Les exclus: un Français sur dix. Paris: Éditions du Seuil, 1974.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista, 1997.

MACEDO, Roberto Sidney. Trair o método: a produção de saberes como artmediação insurgente. Salvador: EDUFBA, 2025.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. Intergeracionalidade e cidadania. In: PAZ, Serafim (Org.). Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia? Rio de Janeiro: CBCISS-ANG/RJ, 2000.

MELO, José Damião de. Modelagem de redes de cooperação científica na educação profissional e tecnológica. 2022. 135 f.

MESSEDER, Suely. O/a pesquisador/a encarnado/a e a construção dos princípios: aliança, conexões e compromisso. Anais dos Seminários Avançados Perfil do Crítico Cultural/2020—Pós-Crítica/UNEB, p. 439–451.

MONTEIRO, Yohana Tôrres. A solidão da mulher negra em seu envelhecimento: uma análise através da literatura. Jornadas Integradas de Pesquisa e Pós-Graduação da UFMA, 2023. Disponível em: [https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2023/upload/anais/trabalho\\_submissaoId\\_2853\\_2853648f3395a7cce.pdf](https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2023/upload/anais/trabalho_submissaoId_2853_2853648f3395a7cce.pdf). Acesso em: 31 ago. 2025.

MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. Sociedade e Estado, v. 25, n. 2, p. 225–250, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5538>. Acesso em: 31 ago. 2025.

MOTTA, Alda Britto da. Gênero, idades e gerações. Caderno CRH, v. 17, n. 42, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br>. Acesso em: 31 ago. 2025.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. ISBN 978-85-513-0651-2.

NODARI, Sandra. Nomes e pronomes na Língua Portuguesa: a questão sexista no idioma e na academia. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 3, e74197, 2021.

RENA, Natacha; BRANDÃO, Marcela Silviano; RENA, Alemar; NEVES, Bernardo. Cartografia enquanto método de investigação: uma conversa com Virgínia Kastrup. Revista Indisciplinar, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/download/32816/26227/93655>. Acesso em: 31 ago. 2025.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Sulina, 2007.

SILVA, Alexandre da. Determinantes da incapacidade funcional de idosos na cidade de São Paulo: uma análise na perspectiva étnico-racial. 2017. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SIMON-MARTIN, Meritxell. La educación epistolar: los intercambios de cartas entre mujeres burguesas como fuente de desarrollo personal en la Inglaterra victoriana. *História da Educação*, v. 19, n. 1, p. 67-84, 2020. Disponível em: [https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2236-34592020000100413&script=sci\\_arttext](https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2236-34592020000100413&script=sci_arttext). Acesso em: 31 ago. 2025.

SOUSA, Nilcelio Sacramento de. Viagens e narrativas sobre gênero e sexualidade na (des)formação docente: (re)invenção de mim e de nós. 2022. 311 f.

TEDESCO, Silvia. A ética da pesquisa e a perspectiva da cartografia: algumas considerações. *Revista Polis e Psique*, v. 5, n. 2, p. 32–47, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.53952>. Acesso em: 31 ago. 2025.

TEDESCO, Silvia. Ética na cartografia: entre o cuidado e a intervenção. In: TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina. *Cartografias do trabalho vivo*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 45–62.

JACOBIN BRASIL. Envelhecer em tempos de neoliberalismo. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2025/08/envelhecer-em-tempos-de-neoliberalismo/>. Acesso em: 31 ago. 2025.